

Mascar  de ferro

## Apresentação

Marisa Lajolo

O *Máscara de Ferro* é o que se chama um clássico: obra que corre mundo, que todos lêem e comentam, que interessa sempre a todos. Em resumo, uma obra que muita gente lê e da qual todos gostam. Exatamente como este livro de Alexandre Dumas, extraído e adaptado de uma das tantas histórias de mosqueteiros que ele escreveu. Mosqueteiros eram a guarda pessoal do rei da França. O episódio que este livro narra faz parte da última destas histórias, *O Visconde de Bragelonne*, publicado em 1848. Porque é um clássico, a história continua viva, inclusive para o público brasileiro, que chega a ela de diferentes formas: quanta gente não ouviu falar de Alexandre Dumas pela primeira vez através do recente filme *O Máscara de Ferro*, inspirado na história deste livro que você agora tem nas mãos?

Um dos segredos do sucesso de Alexandre Dumas foi escrever com uma linguagem simples e divertida. Outro foi inspirar-se na história de seu país, a França. Seus primeiros leitores adoravam encontrar nas páginas de seus livros e no enredo de suas peças de teatro as personagens que davam nome às ruas e cujas estátuas encontravam nas praças parisienses.

Além disso, as histórias de Alexandre Dumas são sempre eletrizantes. Ao lado de saber construir enredos cheios de ação, ele também sabia manter e aumentar o suspense de seus romances, publicando-os aos pedaços (chamados folhetins) em jornais, deixando, assim, os leitores ansiosos para saberem a continuação da história. Como os telespectadores das novelas de hoje, o público de Dumas ficava roendo as unhas para saber o que iria acontecer no capítulo seguinte.

A história da França é cheia de reis, de intrigas políticas, de revoluções populares, e Alexandre Dumas inspirava-se em figuras e em cenários desta história para escrever seus romances. Suas histórias sempre temperam fatos e personagens verdadeiros com uma grande dose de imaginação. Recorrendo à fantasia, o escritor acrescentava novos lances a certas seqüências da história, em outras inventava personagens, em todas incluía doses fartas de imaginação.

Desde seus primeiros leitores, na metade do século XIX francês, todos se deliciavam com esta mescla de fantasia e de história, em que ninguém sabe bem onde acaba uma e onde começa a outra. A mistura não impedia que seus leitores se identificassem com o que liam, torcendo a favor de umas personagens e contra outras, imaginando as cenas narradas, envolvendo-se de corpo e alma com a trama do enredo.

Como também vai acontecer com você, assim que abrir este volume de sua primeira biblioteca e começar a ler a emocionante história do pobre prisioneiro misterioso, condenado a usar para sempre uma máscara de ferro que lhe cobria o rosto...

## 1. Uma Ceia na Bastilha

Trinta anos após terem feito sucesso e fama em os "Três Mosqueteiros", Athos, Porthos, Aramis e D'Artagnan levavam uma vida tranqüila, mas não tinham perdido o espírito aventureiro.

Porthos tinha ganho o título de Barão.

D'Artagnan era capitão da guarda do Rei da França, Luis XIV, de quem se tornara amigo e confidente. Athos, que recebera o título de Conde, caíra em desgraça na Corte quando a noiva de seu filho transformara-se na favorita do Rei.

Só Aramis, que se fizera jesuíta e bispo, mantinha o gosto pelas intrigas palacianas, e costumava jantar na Bastilha, em companhia de Baisemeaux, diretor do sombrio presídio onde a monarquia trancafiava seus adversários e os criminosos comuns.

Ao iniciarem-se os fatos que passaremos a narrar, Aramis encontrava-se mais uma vez à mesa de Baisemeaux. Seguindo um plano que ele próprio bolara, Aramis convencera Fouquet — o primeiro-ministro — a dar de tempos em tempos uma ajuda de custo a Baisemeaux. O diretor pensava que o motivo das freqüentes idas de Aramis ao presídio era entregar-lhe o dinheiro, a verdadeira razão, no

entanto, era segredo bem guardado pelo ex-mosqueteiro.

A ceia transcorria em clima alegre e descontraído. Baisemeaux até excedeu-se na bebida e mostrou-se com excelente disposição. Falava com entusiasmo sobre as boas coisas da vida, quando foi interrompido por Aramis.

O ex-mosqueteiro revelou-lhe que sabia que ele pertencia a uma sociedade secreta. Convenceu Baisemeaux de que, como jesuíta e bispo, era um confessor filiado a tal instituição. E solicitou uma visita à cela número 2, valendo-se do juramento da Sociedade, segundo o qual o diretor de uma fortaleza — como era o caso da Bastilha — obrigava-se a permitir a entrada, quando houvesse necessidade, e a pedido do prisioneiro, de um confessor filiado à Sociedade.

Baisemeaux, contrariado com aquela revelação inesperada, ainda tentou argumentar que não havia nenhum doente em estado grave na Bastilha, por isso não podia permitir a entrada de ninguém nas masmorras, a não ser por ordem especial do Rei. Foi então que um dos funcionários da Bastilha apareceu:

— Senhor, trago-lhe o relatório do médico.

O diretor tomou o documento das mãos do criado, passou os olhos rapidamente e, sem entender o que acontecia, dirigiu-se a Aramis:

— O prisioneiro da cela 2 está doente! Como soube, senhor bispo?

O ex-mosqueteiro ignorou a pergunta e disse:

— Em vez de ficar aí parado, é melhor atender o chefe da guarda que quer lhe falar.

E, com efeito, o sargento-chefe já penetrava na sala. Aborrecido, o diretor virou-se para ele:

— O que querem agora? Não podem me deixar em paz ao menos por dez minutos?

— É o prisioneiro da cela 2... o que está doente... ele pede um padre para se confessar.

Baisemeaux continuava a não entender aquela coincidência. Aflito, procurou auxílio em Aramis:

— O que devo fazer? — perguntou ao ex-mosqueteiro, agora bispo.

— O senhor é o diretor da Bastilha, não eu — respondeu-lhe Aramis.

— Diga ao prisioneiro — gritou Baisemeaux, dirigindo-se ao sargento —, diga ao prisioneiro que ele será atendido imediatamente!

## 2. O Prisioneiro

Desde a estranha transformação do ex-mosqueteiro em confessor da Sociedade secreta, o diretor da Bastilha não era mais o mesmo. Antes, considerava o bispo um amigo ao qual devia ser grato. Depois daquela revelação, no entanto, sentia-se dominado por ele.

Segurando uma lanterna, conduziu-o pelos corredores tortuosos da fortaleza até os corredores onde ficavam as prisões. Finalmente chegaram à cela 2. O diretor ordenou ao guarda que abrisse a porta e tentou acompanhar Aramis ao interior do cubículo.

O ex-mosqueteiro, entretanto, impediu a sua entrada:

— As regras da Sociedade não permitem que o diretor acompanhe o confessor e, muito menos, que assista à confissão do prisioneiro.

Baisemeaux deu passagem a Aramis, que lhe tomou a lanterna das mãos e mandou que fechassem a porta. Por alguns instantes esperou que o ruído dos passos do diretor e do guarda mostrasse que eles haviam se afastado. Então pôs a lanterna sobre a mesa e olhou em torno.

Numa cama rústica, repousava um homem ainda jovem, de aparência nobre. O prisioneiro encobria parcialmente o rosto, embora não estivesse dormindo. A chegada do visitante não fez com que ele mudasse de posição. Aramis acendeu uma vela na lanterna, puxou uma cadeira e aproximou-se da cama. O jovem levantou a cabeça:

— O que é? — perguntou.

— Sou o confessor que pediu.

O rapaz examinou atentamente o ex-mosqueteiro:

— Acho que o conheço. De qualquer forma, estou melhor e não vejo necessidade de me confessar.

Deixe-me sozinho, por favor.

Aramis aproximou-se do prisioneiro e baixou o tom de voz:

— Talvez mude de idéia ao saber que tenho uma revelação a lhe fazer.

— Se é assim — respondeu o prisioneiro, afundando novamente a cabeça no travesseiro —, prossiga.

Para mim é indiferente.

Aramis olhou-o com mais atenção e ficou impressionado com a majestade daquele semblante.

— Antes de qualquer coisa, vim aqui como confessor e devo ouvir a verdade. Que crime cometeu para merecer tamanho castigo?

— Confesso que também me pergunto sobre o motivo que me mantém encarcerado. Mas o senhor prometeu-me uma revelação...

— Como posso falar, se ainda não demonstrou confiança em mim?

— Se o problema é este, pode falar sem medo! Confio no senhor!

Aramis baixou o tom de voz e chegou mais perto do prisioneiro:

— Não se lembra de mim, de me haver visto certa vez na pequena cidade onde passou os primeiros anos de sua infância?

— Já disse que o conhecia de algum lugar. Como se chamava a aldeia?

— Chama-se, ainda... Noisy-Le-Sec.

O prisioneiro concordou. E Aramis prosseguiu:

— Lembra-se, então, de ter visto naquele tempo um cavaleiro acompanhando uma mulher de preto, com uma fita vermelha nos cabelos?

— Lembro-me, sim. Lembro, também, que um dia perguntei o nome desse cavaleiro e me disseram que se tratava de um abade, que fora mosqueteiro do Rei, em outros tempos.

— Pois bem, esse mosqueteiro, depois abade, mais tarde bispo, sou eu. Seu confessor.

Pela primeira vez, um sorriso iluminou o rosto do rapaz.

Aramis continuou.

— Vou lhe fazer a revelação. Mas se ela chegar ao conhecimento do Rei, minha cabeça rolará.

Ao ouvir estas palavras, o prisioneiro mostrou-se mais confiante em relação a Aramis, e murmurou:

— Lembro-me perfeitamente... a mulher vestida de preto e com a fita vermelha nos cabelos. Ela sempre vinha me visitar, acompanhada de outra mulher. Jamais pude me esquecer dessas pessoas. E por um motivo simples: além de minha babá Perronette e de meu tutor, e mais tarde o diretor desta prisão e os guardas, são essas as únicas pessoas com que falei em minha vida.

— Quer dizer que sempre foi prisioneiro?

— Praticamente sim. Mesmo em Noisy-Le-Sec, embora tivesse toda a liberdade, vivia numa propriedade de muros altos que nunca cheguei a ultrapassar. Diziam-me que meus pais haviam morrido. Às vezes me pergunto se falavam a verdade.

— Em parte. Seu pai, sem dúvida, está morto. Quanto à sua mãe...

— Ainda vive? Conte-me logo o segredo!

— Pode considerá-la morta para você.

— Para mim? Então vive para outros!

— Sim.

— Então por que sou obrigado a viver na escuridão desta cela? Minha presença no mundo revelaria um grande segredo?

— Certamente, um grande e tenebroso segredo!

O rosto do rapaz contraiu-se.

— E minha babá... meu tutor... por que desapareceram de repente?

— Tornaram-se um perigo para certas pessoas, as mesmas que o encarceraram. Sabiam de toda a verdade, poderiam, portanto, revelá-la um dia. Foram mortos. Envenenados.

A indignação do rapaz era evidente.

— Então é isso! Sempre desconfiei de minha origem! Meu tutor tratava-me como um jovem da nobreza. Certa manhã, durante o verão, adormeci. Acordei ao ouvir meu tutor chamar aflito por

Perronette, a minha babá. Tonto de sono, olhei para fora e percebi que os dois estavam à beira do poço. O velho fidalgo, encarregado de tomar conta de mim e de me educar, queixava-se de que o vento jogara para dentro do poço uma carta que ele havia deixado sobre a mesa. Uma frase de minha babá deixou-me intrigado. Lembro-me que ela dizia:

"Tanto faz como tanto fez. Afinal, todas as vezes que a Rainha vem aqui, queima suas cartas." A resposta do meu tutor foi ainda mais surpreendente: "É que esta carta continha instruções muito especiais para Filipe. Como poderei agora segui-las?"

O prisioneiro fez uma pausa e explicou:

— Naquele tempo, me chamavam Filipe. Mas o que me deixou mais intrigado foi o fato de que meu tutor mantivesse correspondência com a Rainha. E ainda mais a meu respeito. Recordo também que os dois, o tutor e a babá, discutiram o assunto por algum tempo e admitiram a hipótese de escrever à Rainha contando que a carta caíra no poço. A idéia, no entanto, foi logo afastada. O tutor disse: "É impossível. A Rainha pode não acreditar e se por falta de sorte isso chegar ao conhecimento do primeiro-ministro Mazarino, ele é capaz de mandar nos envenenar."

Aramis, excitado, ouvia tudo com atenção. Recostando-se de novo na cama, o prisioneiro prosseguiu:

— Depois de discutirem por algum tempo, ficou combinado que chamariam um rapaz analfabeto do vilarejo para recolher a carta do poço. O fato de não saber ler era importante para que um estranho não soubesse o que ela revelava. Resolvido o que fariam, afastaram-se do lugar. Aproveitei a ausência deles e, agarrando-me à corda do poço, desci ao fundo, peguei a carta da Rainha e a li.

— Sim... sim... e o que dizia? — perguntou Aramis, interessado.

— O suficiente para descobrir que eu era um fidalgo, já que a Rainha, Ana D'Áustria, e o primeiro-ministro Mazarino tanto se preocupavam com minha vida e com o segredo que deveria ser mantido a todo custo sobre minha permanência naquela aldeia.

— E depois, o que aconteceu? — interrompeu Aramis.

— O rapaz que chamaram para buscar a carta nada encontrou. Como minha roupa estava molhada,



não foi difícil para meu tutor e minha babá adivinharem que eu a tinha recolhido. Eu acabei por revelar o fato durante um delírio febril, em consequência de um resfriado que apanhei ao deixar as roupas secarem no corpo. Depois disso, provavelmente, tiveram que contar à Rainha o sucedido.

— Foi nessa mesma época que você foi preso e trazido à Bastilha, não é? — perguntou Aramis.

— Exatamente. E meu tutor e minha babá desapareceram para sempre...

Aramis levantou-se da cadeira e ficou pensativo por alguns minutos. Então, voltou-se para o prisioneiro:

— O senhor vai ouvir agora um grande segredo. Uma história cuja simples revelação é uma condenação à morte.

— Por que, então, vai fazê-la para mim?

— Porque é o único que pode conhecê-la, já que lhe diz respeito. Ouça, com atenção. Vou resumir os acontecimentos ocorridos na França nos últimos 24 anos. Luís XIII, filho de Henrique IV, foi o último monarca antes do atual, um bom homem, com nobres idéias e grandiosos projetos. Seu maior desejo era ter um filho que o sucedesse no trono, desejo este que demorava a se concretizar. Sabia que o Rei Luís XIII era casado com a Rainha Ana D'Áustria?

— Meu Deus! — disse o prisioneiro. — A mesma Rainha que escrevia a meu tutor! Continue!

— Após 20 anos de casamento, a Rainha finalmente anunciou que ia ser mãe. No dia 5 de setembro de 1638, às 11:15 h da manhã, nasceu a criança. À noite, o Rei comemorava o nascimento de seu filho com os nobres, quando foi chamado com urgência aos aposentos da Rainha. Ela dera à luz uma segunda criança, um outro filho, gêmeo, portanto, do primeiro. Ao lado da Rainha, Perronette acalentava o bebê.

Ao ouvir o nome de sua babá, o prisioneiro estremeceu Aramis prosseguiu:

— A princípio, o Rei ficou exultante, mas logo depois caiu em si. Dois filhos! Dois homens! Qual deles o sucederia no trono? O Rei sentia-se incapaz de resolver o problema. Mandou, então, chamar o primeiro-ministro Richelieu e pediu-lhe conselho. O primeiro-ministro refletiu durante muito tempo até

apresentar o que lhe parecia a única solução: era necessário ocultar o segundo menino. Jamais o seu nascimento deveria ser revelado a quem quer que fosse. Caso contrário, a anarquia tomaria conta do país. A criança deveria ser criada longe da Corte, ignorando a sua origem. Para realizar este trabalho, Perronette e um fidalgo culto e honesto teriam de abandonar o palácio imediatamente com o recém-nascido, indo residir em uma propriedade confortável e longínqua..., em Noisy-Le-Sec...

— Deus meu! Abandonado pela própria mãe! — gritou o prisioneiro em desespero. — Mas por que veio aqui instigar em mim o ódio e o desejo de vingança?

Aramis não respondeu. Tirou do bolso uma miniatura esmaltada:

— Este é Luís XIV, o primeiro filho de Luís XIII e de Ana D'Áustria. Ele agora é o Rei da França. É seu irmão. Foi a primeira criança a nascer.

O rapaz segurou a miniatura e ficou contemplando-a. Aramis, então, tirou do bolso um espelho:

— Compare suas feições às de Luís XIV. Qual dos dois é de fato o Rei?

A semelhança era espantosa. Aramis insistiu:

— Qual dos dois é o Rei, qual dos dois deveria estar agora sentado no trono da França?

— Certamente o da miniatura. Ele está no trono, ele tem a força e o poder... ele pode manter quem quiser encarcerado por muitos anos... ele é o Rei. Eu não sou nada, apenas uma sombra...

— Príncipe — disse Aramis, com um respeito que até então não manifestara. — Rei será aquele que, retirado das masmorras, se sentará no trono a que tem direito, com ajuda de seus amigos, entre os quais me coloco como o mais leal. Agora que está consciente de que é filho de um Rei, deixe que eu o conduza ao lugar que por direito lhe pertence, cabeça erguida, sem olhar para trás. Cabe a Vossa Alteza decidir entre a vergonha da prisão e a glória do trono!

— Não me chame de Alteza! Parece ironia, para não dizer crueldade. Quero, no entanto, a liberdade para viver novamente, para amar... Mas... como pretende me tirar daqui? Há guardas em todas as galerias, soldados e canhões em todas as barreiras.

Aramis assumiu um ar vitorioso:

— Por acaso é mais difícil corromper dez guardas do que um? Lembre-se de que consegui chegar aqui. Apenas confie em mim e, brevemente, sentará no trono da França!

— E meu irmão, o que será feito dele?

— Receberá o castigo que merece, vindo ocupar seu lugar aqui na Bastilha.

O rapaz murmurou, com voz embargada:

— Sim, ele deveria ter vindo a mim e me tirado do cativeiro. Deveria ter reconhecido a crueldade que fizeram comigo. Em vez disso, aqui me deixou por todos esses anos. Mas eu não gostaria que ele sofresse o que sofri... não desejo vingança...

Aramis interrompeu-o prontamente:

— Uma vez colocado no lugar que lhe pertence, será o homem mais poderoso da Terra. Se quiser, poderá perdoá-lo.

— Não fale mais nada — replicou o prisioneiro. — Me tire logo daqui!

— Ótimo! Confie em mim. Só peço para que não deixe a cela a não ser em minha companhia. Breve ouvirá falar novamente em mim.

O Príncipe ofereceu sua mão a Aramis que, após retribuir o cumprimento, bateu diversas vezes na porta, avisando a Baisemeaux e ao guarda que a "confissão" terminara.

Os dois atenderam prontamente.

O diretor não escondia sua curiosidade:

— Ele devia ter muitos pecados... demorou muito!...

Aramis desconversou. Despediu-se e partiu, deixando Baisemeaux procurando entender o que se passara.

### 3. O Alfainete do Rei

O alfaiate do Rei, Jean Percerin, ocupava uma grande casa na rua St. Honoré. Herdeiro da melhor tradição no ofício, neto e filho de alfaiates, pertencia a uma família que havia costurado para os monarcas franceses desde muito tempo atrás. Tinha consciência do seu trabalho e, por isso, recusava-se a atender clientes que não fossem da nobreza.

Com a aproximação das festas que o milionário Fouquet iria oferecer ao Rei Luís XIV, estava muito atarefado. Recusou-se a atender Porthos, que o procurara para uma encomenda. Isso deixou o ex-mosqueteiro extremamente irritado, e foi com esta irritação que ele recebeu D'Artagnan, que foi visitá-lo. Porthos reclamou do alfaiate e o capitão dos mosqueteiros prometeu que iria convencer mestre Percerin a atendê-lo.

Um pouco descrente, Porthos acabou por concordar em acompanhar D'Artagnan ao ateliê da rua St. Honoré. Lá chegando, depararam com uma enorme aglomeração de pessoas. Percerin havia fechado suas portas, recusando-se a receber clientes até o dia da festa de Fouquet. Um auxiliar explicava que o alfaiate estava comprometido com a confecção de trajes para o Rei. Porthos já ia desistir, quando D'Artagnan puxou-o pela mão e bateu na porta, gritando com autoridade:

— Ordem do Rei!

Imediatamente a porta foi aberta e os dois penetraram no ateliê. Percerin, as mangas arregaçadas, cortava uma peça de brocado dourado. Ao perceber a entrada do mosqueteiro, acompanhado de Porthos, cumprimentou-os amavelmente, mas sem desviar a atenção do trabalho:

— Como vêm, estou ocupadíssimo. Desculpem-me por não lhes dar atenção.

— Eu entendo, meu caro Percerin. Afinal, você tem de fazer cinco trajes para o Rei... estou certo de que fará com a maior perfeição... sua arte é inigualável e ainda faltam dois dias para as festas. Pensando nisso, trouxe meu amigo Porthos, para quem, estou certo, não se recusará a fazer um traje.

— Farei com todo o prazer... mas não para a festa. Peço que não insista.

Nesse momento, ouviu-se uma voz insinuante de alguém que chegava.

— Meu caro Percerin, devo lembrá-lo que Porthos é amigo do primeiro-ministro Fouquet. Creio que ele ficaria muito satisfeito se o atendesse. Peço também, como favor pessoal, que o faça.

Era Aramis que acabara de entrar.

Ele tinha uma influência sobre Percerin ainda maior do que a de D'Artagnan. O alfaiate prontamente chamou um auxiliar e disse para Porthos:

— Já que é assim, vá até a sala ao lado, para que suas medidas sejam tiradas, por favor.

Porthos, embora um pouco irritado, obedeceu. O mesmo não aconteceu com D'Artagnan, que permaneceu na sala. Ficara intrigado com a presença de Aramis, que sempre tivera um guarda-roupa bem provido:

— Presumo que está aqui para mandar fazer uma roupa?

— De forma alguma. Trouxe comigo o senhor Lebrun, um dos mais competentes desenhistas do primeiro-ministro Fouquet, que nos ajudará a fazer uma pequena mas encantadora surpresa ao Rei. Trata-se de um segredo que não me importo de partilhar contigo, meu caro D'Artagnan.

— Sempre com seus segredos, Aramis...

— Entre, senhor Lebrun — disse Aramis abrindo a porta.

Um homem de meia-idade e cabelos grisalhos entrou, carregando um cavalete, uma prancheta e material de desenho. Aramis dirigiu-se ao alfaiate:

— Meu caro, você está preparando cinco trajes para o Rei, não é? Um em brocado, um para a caça, um em seda, um em veludo e outro de seda de Florença...

— Você sabe de tudo! — exclamou Percerin.

— E sei mais... muito mais!

— Pode ser — replicou o alfaiate. — Mas não sabe a cor dos tecidos, o corte, o acabamento. Este é um segredo muito bem guardado.

— Mas é exatamente este segredo o que me traz aqui — respondeu Aramis. — Para a surpresa que pretendo fazer ao Rei, preciso conhecê-lo.

— O que me pede é impossível — avisou Percerin. — Não poderei atendê-lo.

— Tenho certeza de que, depois que expuser minhas razões, entenderá que tenho necessidade de saber tudo sobre os tecidos que serão usados na confecção das roupas do Rei.

E Aramis continuou:

— Fouquet, que oferece a festa, deseja fazer uma grande surpresa ao Rei. Ao chegar, Sua Majestade encontrará um maravilhoso retrato pintado pelo mestre Lebrun...

— E daí? — perguntou Percerin.

— Aqui é que está a verdadeira surpresa. No retrato, o Rei estará vestido com a mesma roupa que estiver usando na ocasião. E, nos dias seguintes, sempre que mudar de roupa, um novo retrato o mostrará vestido com o traje daquele dia.

Percerin não sabia o que fazer. Não queria revelar o segredo das fazendas e do corte das roupas do Rei. Por outro lado, temia desagradar ao poderoso Fouquet.

Aramis insistiu:

— De posse das amostras, o senhor Lebrun poderá reproduzir com exatidão os trajes de Sua Majestade. É claro que pode recusar, Percerin. Respeitamos o seu segredo profissional...

— Mas?... — perguntou Percerin, aflito.

— ... mas Fouquet terá de comunicar sua recusa ao Rei.

— Isso pode ser a minha perdição! — concluiu o alfaiate.

D'Artagnan acompanhava a discussão, divertindo-se.

Sabia que Aramis tinha algum plano em mente, mas ignorava qual fosse.

Nesse meio tempo, o alfaiate já estendera uma cadeira a Lebrun. Retirou-se da sala por alguns momentos e voltou com os desenhos dos trajes do Rei e as amostras de tecido:

— Pode trabalhar à vontade, senhor Lebrun.

Aramis, porém, não estava satisfeito. Pegou rapidamente as amostras e embolsou-as com destreza:

— Ora, senhor Lebrun, a luz aqui não é favorável. Além do mais, não há tempo suficiente. Seu

trabalho seria prejudicado. Levarei as amostras e os desenhos para que possa desenhar em paz. Depois, evidentemente, os devolverei a Percerin.

— Sim... será melhor assim... — concordou o pintor.

D'Artagnan começou a perceber os planos do seu amigo. Aramis queria ficar com as amostras. Mas com qual intenção? E queria o seu apoio:

— Não concorda, D'Artagnan?

— Você continua o mesmo, meu caro Aramis...

O ex-mosqueteiro limitou-se a se despedir do alfaiate, que se sentia totalmente confuso.

— Mestre Percerin, o senhor acaba de prestar um serviço inestimável ao Rei e a Fouquet. Será muito bem recompensado.

E retirou-se, levando o pintor e as amostras do tecido que ninguém deveria ver antes do Rei.

#### 4. Outra Ceia na Bastilha

Aramis não ficou satisfeito ao encontrar D'Artagnan no ateliê do alfaiate Percerin. Embora o velho amigo não conhecesse suas intenções, sentia-se um pouco intranquilo. D'Artagnan poderia atrapalhar seus planos.

De posse dos desenhos e das amostras das roupas que o Rei usaria nas festas de Fouquet, precisava agora dar outros importantes passos, para conseguir seu objetivo.

Foi à casa do poderoso Fouquet. Encontrou-o de mau humor:

— Meu caro Aramis! Estou arruinado. Não me sobra um centavo...

— Mas é tão rico...

— Minhas despesas são enormes. Agora, então, com a festa que vou oferecer ao Rei...

Aramis procurou tranquilizá-lo:

— Calma, Fouquet! Quando meus planos forem concluídos, e estou certo de que serão, você terá todo o dinheiro que quiser.

— Sim, você me prometeu milhões...

— Prometi e terá. Basta que o Rei entre em sua casa... A propósito, acabo de chegar do ateliê do alfaiate Percerin...

— E o que isso tem a ver com os meus problemas?

— Preparo uma surpresa para você oferecer ao Rei durante as festas...

— E quanto custará esta surpresa?

— O preço que o pintor Lebrun cobrar pelo trabalho.

— Ah, percebo... um quadro...

— Pode ser... Enquanto isso, meu caro Fouquet, preciso de um favor seu. Uma carta, para certa pessoa.

— Para quem?

— Para o ministro da Justiça.

— Deseja prender alguém na Bastilha?

— Ao contrário, quero tirar de lá um jovem aprisionado durante os últimos dez anos por ter escrito dois versos em latim contra os jesuítas... Chama-se Seldon, o pobre coitado.

— Dois versos em latim! E só por causa disso está preso há dez anos? Que crueldade! Por que não me avisou antes?

— Só agora a mãe do rapaz conseguiu chegar até mim.

— E ela é pobre?

— Vive na mais profunda miséria.

— Chega! — bradou Fouquet. — Espere um momento que escreverei agora mesmo uma carta para meu colega ministro.

Assim que recebeu a carta, Aramis partiu.



Naquela mesma noite, foi mais uma vez cear com Baisemeaux. O diretor da prisão já não estava tão à vontade na presença de Aramis. Porém, sentia-se importante bebendo em companhia do bispo. E depois, estimulado pelo vinho, Baisemeaux foi ficando mais tranqüilo. Estavam na quinta garrafa e o diretor, um pouco tonto, nem percebeu a chegada de um mensageiro.

— Diabos o levem! — exclamou Aramis.

— Quem? Espero que não esteja se referindo ao vinho.

— Claro que não. Falo do cavalo que faz tanto barulho lá embaixo.

— Sim, que o diabo o leve! Vamos ao vinho!

— Concordo, meu copo está vazio.

Baisemeaux chamou o criado e pediu mais bebida. Este trouxe imediatamente a garrafa, com o recado:

— Senhor, acaba de chegar um mensageiro a cavalo.

— Não quero ser perturbado, deixe as cartas no escritório!

Aramis interferiu:

— Não gostaria de estragar nosso jantar, mas muitas vezes as cartas que um mensageiro traz contêm ordens importantes. Ainda mais a esta hora.

— Está bem, está bem, tem razão — exclamou Baisemeaux. E dirigindo-se ao criado:

— Então, traga-me...

O criado desceu e voltou num minuto. Havia um só envelope. Uma carta do ministro da Justiça, com selo de correspondência urgente. Baisemeaux tomou-a das mãos do criado e leu-a com atenção.

Aramis observava com uma ligeira apreensão.

— Algo importante?

— Por Deus, sim! Uma ordem de soltura! Ótima notícia para perturbar a nossa tranqüilidade...

— Para o prisioneiro que vai ser solto, é na verdade ótima notícia. Deixe-me ver — pediu Aramis.

E olhou a carta.

— Aqui diz urgente. Deve ser importante esse prisioneiro.

— Nada... um pobre coitado da cela 3... um tal de Seldon. O homem está aqui há dez anos e agora tem de ser libertado... que loucura...

Baisemeaux virou-se para chamar o criado. Com um movimento natural, deu as costas a Aramis, deixando a ordem de soltura sobre a mesa de jantar. Nesse momento, o ex-mosqueteiro aproveitou a oportunidade e trocou a carta do ministro por outra exatamente igual na aparência, e que trouxera disfarçadamente na manga. O criado voltou à sala atendendo ao chamado do diretor. Este ordenou:

— Chame o chefe dos carcereiros!

Houve um breve silêncio. Aramis não tirava os olhos de Baisemeaux. Parecia claro que o diretor pretendia protelar a libertação do preso até depois que a sobremesa fosse servida.

— É impossível libertar o prisioneiro a esta hora. Aonde ele poderia ir? Depois de dez anos na prisão, ficaria perdido, sem ter para onde ir...

— Ora — interveio Aramis —, tenho uma carruagem e poderei levá-lo a qualquer lugar.

— Você tem resposta para tudo...

E, dirigindo-se ao criado, ordenou:

— Vá dizer ao carcereiro para libertar o prisioneiro Seldon, da cela 3!

— Seldon, o prisioneiro da cela 3? — disse Aramis, fingindo espanto.

— Sim, é o que diz a ordem do ministro.

— Perdão, acho que há um equívoco. Li a ordem e vi que ela se refere ao prisioneiro da cela 2, aquele que se confessou comigo há poucos dias. Seria bom verificar novamente.

Baisemeaux, por desengano de consciência, pegou a carta e releu. Seus olhos se esbugalharam. Meio bêbado, como estava, não compreendia como podia ter se enganado:

— Sim, meu Deus! Aqui diz "prisioneiro da cela 2". É incrível como me enganei. Está bem claro, em letra de forma: "cela 2". O mesmo que se confessou com você da outra vez que estive aqui. Inacreditável!

— Inacreditável ou não, você se enganou. Vai soltar o preso da cela 2?

— Preciso certificar-me, preciso ter certeza...

— Não bastam as assinaturas do Rei e do ministro?

— Sim, mas...

— Podem estar falsificadas, não é disso que tem medo?

— Exatamente.

Aramis lançou um olhar penetrante sobre o diretor.

— Tem razão. Compreendo sua dúvida, então escreverei uma ordem à qual, estou certo, não poderá deixar de atender. Afinal, estou à sua frente. Minha assinatura, portanto, será verdadeira.

Aramis, então, começou a escrever.

Baisemeaux empalideceu com a segurança e frieza do ex-mosqueteiro. E, aterrorizado, leu sobre os ombros dele:

"A.M.D.G.", escreveu o bispo. E desenhou uma cruz sob as quatro letras que significavam ad majorem Dei gloriam ("para maior glória de Deus", que é o lema oficial dos jesuítas). Depois, continuou: "É nosso desejo que a ordem trazida ao senhor Baisemeaux, diretor da Bastilha, em nome do Rei, seja considerada válida, efetiva e posta imediatamente em execução."

Aramis terminou e, depois de assinar, escreveu embaixo.

Chefe da Sociedade, pela Graça de Deus

O silêncio na sala tornara-se tão profundo que era possível ouvir o ruído da cera das velas pingando nos castiçais. O diretor estava apavorado. Até então não sabia que Aramis era chefe da Sociedade secreta à qual pertencia. O ex-mosqueteiro, sem se dignar olhar para ele, tirou do bolso uma pequena caixa de cera negra. Em seguida, selou a carta, comprimindo um sinete que trazia pendurado ao pescoço sobre a cera. Entregou-a a Baisemeaux.

— Vamos, vamos, diretor — falou calmamente Aramis que, sendo chefe da Sociedade, causava-lhe temor.

Baisemeaux tomou a carta, ajoelhou-se e beijou a mão do ex-mosqueteiro.

Aramis então disse:

— Agora, é necessário agir. Liberte o prisioneiro!

Baisemeaux obedeceu. Acompanhado de um guarda, encaminhou-se às masmorras. Aramis permaneceu sozinho na sala. Alguns momentos depois, ouviu-se o barulho das grades que rangiam lá embaixo. Mais cinco minutos e Baisemeaux entrava na sala, trazendo o prisioneiro. O diretor pegou um crucifixo e entregou-o ao encarcerado:

— Deve jurar que jamais revelará o que viu ou ouviu na Bastilha!

O prisioneiro fez o juramento. Baisemeaux continuou:

— Agora que está livre, aonde pretende ir?

O rapaz virou a cabeça para Aramis, como se procurasse uma orientação.

— Posso lhe ajudar em tudo que precisar — disse o ex-mosqueteiro.

— Deus o trouxe aqui! — disse o homem.

Aramis virou-se para o diretor e despediu-se.

No pátio, uma carruagem os esperava. Aramis conduziu seu companheiro e ajudou-o a entrar no veículo. Sem qualquer ordem sobre o lugar ao qual se destinavam, o cocheiro partiu.

Durante todo o percurso, até o último portão da Bastilha, Aramis estava nervoso. O rapaz, encolhido num canto, de tão quieto, nem parecia estar vivo.

Somente quando começavam a penetrar na floresta Senart, o cocheiro refreou os animais e parou o carro.

Pela primeira vez, o prisioneiro falou:

— O que aconteceu?

— Nada — disse Aramis. — Mas, antes de prosseguirmos, devemos ter uma conversa séria. Não

poderia haver melhor oportunidade do que esta. Aqui ninguém poderá nos ouvir.

— E o cocheiro?

— É surdo e mudo, podemos ficar tranquilos.

Como se já tivesse sido instruído anteriormente, o cocheiro escondeu o veículo atrás de algumas árvores.

## 5. Pacto Diabólico

Na escuridão do interior da carruagem, Aramis e Filipe, o prisioneiro libertado, ficaram em silêncio. O luar permitia que o ex-mosqueteiro observasse as feições do companheiro, que parecia distante, mergulhado em seus pensamentos.

Aramis rompeu o silêncio:

— Meu Príncipe — disse —, o momento é delicado. Tudo que dissermos deve ser pensado seriamente e guardado com cuidado. Preciso que me escute com o máximo de atenção.

— Estou escutando — respondeu Filipe.

— Já lhe resumi a história da família que hoje governa a França. O atual Rei, Luís XIV, que é seu irmão gêmeo, viveu uma infância recalcada e infeliz como a sua. Apenas não ficou preso numa cela, como você. Tudo isso o levou ao rancor, ao ódio, à humilhação, que conduzem à prepotência.

Aramis fez uma pausa para que as suas palavras fossem compreendidas. Em seguida, continuou:

— Tudo o que Deus faz, faz bem. Estou tão convencido de tal verdade que agradeço aos céus pelo fato de ter sido escolhido como depositário de um segredo tão importante: o de sua existência, ou seja, da existência do verdadeiro Rei da França. Deus me deu a graça de realizar a missão de conduzi-lo ao poder, quando me confiou a chefia de uma Sociedade secreta.

Filipe tocou, emocionado, o braço de Aramis:

— Fale dessa estranha Sociedade. O que pretende ela receber em troca, ao colocar-me no trono da França?

— Apenas a gratidão! Mas estou certo de que continuará a ser meu amigo e juntos poderemos fazer grandes coisas.

— Mas qual é minha posição hoje e qual será amanhã?

— Já lhe disse: é o herdeiro do trono. Sua semelhança com o irmão, que causou seu cativeiro, é agora, também, o motivo de sua redenção. Seu irmão ignora este fato. Não seria recomendável, no entanto, enfrentar abertamente a conspiração palaciana que o prendeu na Bastilha. Foi um plano cruel, feito pelo ministro Mazarino. Seríamos destruídos. Mas se o Príncipe ocupar o trono, fazendo-se passar por Luís XIV, ninguém dará pela troca.

— E o meu irmão? Será assassinado?

— O novo Rei é que decidirá isso. Será melhor afastar seu irmão da Corte, para que a troca não seja percebida. Por oito anos você esteve preso na Bastilha. Não seria justo que ele também fosse para lá?

— Quem mais sabe desse segredo, de que fui trocado em criança e que sou o verdadeiro Rei da França?

— A Rainha Ana D'Áustria e sua camareira de confiança.

— Elas nos denunciarão.

— Como? Elas nada perceberão se o Príncipe agir como seu irmão.

— E o Rei? Ele protestará!

— Sim, protestará às paredes? Conhece muito bem a Bastilha...

O Príncipe afastou-se um pouco e pensou por algum tempo.

— Seria mais humano exilá-lo — murmurou o Príncipe.

— A decisão será sua, quando chegar o momento. Lembro-lhe, no entanto, os perigos que correremos.

— Perigos?

— Sim. Serão imensos se as coisas não acontecerem como planejamos. Se, no entanto, sua coragem for tão grande como sua semelhança com o Rei, não teremos de enfrentar perigos. Apenas superaremos obstáculos.

— Senhor bispo — respondeu o Príncipe —, antes de decidir, deixe-me descer desta carruagem, pisar o chão e consultar a natureza, por meio da qual Deus fala. Dê-me dez minutos para tomar uma decisão.

Era o dia 15 de agosto, cerca de 11 horas da noite. Nuvens escuras, anunciando tempestade, acumulavam-se no céu. O ar fresco que envolvia Filipe era um prazer quase esquecido, depois de oito anos de cativeiro. Sentia-se feliz com a liberdade alcançada. Em silêncio, procurava na oração uma luz que o ajudasse a resolver o impasse. Permaneceu numa tensão quase intolerável durante os dez minutos que pedira para refletir.

Subitamente, ele levantou a cabeça. O rosto endureceu, a boca assumiu uma expressão de coragem e desafio. Levantando a mão, Filipe exclamou:

— Vamos à conquista da coroa da França!

— É sua decisão definitiva? — perguntou Aramis exultante.

— É. Definitiva! O trono ou a morte!

— Garanto-lhe que será o Rei mais poderoso do mundo!

Aramis mal podia conter a alegria. Mas era necessário deixar as emoções para depois e cuidar dos detalhes práticos. Falou:

— Encarreguei um homem na Bastilha de fazer chegar às suas mãos instruções detalhadas e descrições minuciosas das pessoas com quem terá de conviver após ocupar o trono.

— Li-as com atenção. Sei tudo de cor. Se quiser, pode me interrogar.

Assim, um a um, demorando-se nos detalhes, Filipe descreveu todos os personagens que integravam a Corte. Quando chegou a D'Artagnan, Aramis o interrompeu:

— É necessária muita cautela com ele. O velho mosqueteiro é astuto. Se ele não desconfiar de nada, tudo estará resolvido.

— E como será feita a substituição de um Rei por outro?

— Com simplicidade e sem violência. Ele comparecerá à festa na casa de Fouquet. Lá dormirá, num quarto já reservado e por mim preparado. Sua cama estará sobre uma parte do assoalho que é móvel, um alçapão que se moverá à simples pressão de um dedo. Ele adormecerá monarca e despertará prisioneiro. A partir daí, o Príncipe será Rei e decidirá o que fazer dele.

Com isso, Aramis encerrou a conversa e convidou Filipe a retornar à carruagem.

O ex-mosqueteiro deu ordens ao cocheiro e dirigiram-se rapidamente à estrada que conduzia ao castelo de Fouquet.

## 6. A Emboscada

O castelo de Fouquet fora construído em 1653. Nele, o ministro de Luís XIV gastara uma fortuna e, se o castelo merecesse uma única crítica, seria sua excessiva grandiosidade. A mansão, cercada de bosques maravilhosos, parecia mais o palácio de um Rei do que a residência de um cidadão.

No dia 16 de agosto tudo estava pronto para receber Luís XIV. Fouquet, que havia chegado na véspera, super-visionava tudo, dando as últimas ordens. Finalmente, depois de visitar a capela, os salões e as galerias, retornou aos seus aposentos, exausto.

Aramis interrompeu-o:

— Venha ver a surpresa que, em seu nome, preparei para o Rei.

Os dois encaminharam-se para uma sala ao lado, onde o pintor Lebrun dava os últimos retoques num quadro magnífico. Era o retrato do Rei, vestido com um dos trajes confeccionados pelo alfaiate Percerin. Afastando-se um pouco, Fouquet contemplou a obra e a elogiou:

— Uma obra-prima, digna dos maiores pintores do mundo!



Nesse momento, foi interrompido por um sinal vindo da parte mais alta do castelo. As sentinelas haviam percebido o cortejo real que se aproximava.

— Dentro de uma hora estarão aqui — comentou Aramis.

Fouquet parecia pensativo.

— É estranho. Sinto que o Rei gosta de mim, mas não o bastante. Eu mesmo não posso afirmar que o aprecie muito. No entanto, agora que ele está prestes a chegar aqui, sinto que sua presença em minha casa é sagrada.

Considero-o de fato o meu Rei.

— Seria melhor dizer isso a Colbert, em vez de a mim

— brincou Aramis.

— Por quê?

— Assim, quando ele for o primeiro-ministro, cargo que sempre desejou, não esquecerá de lhe dar uma boa pensão...

Embora Fouquet não suspeitasse, o Rei, influenciado por Colbert, aguardava uma oportunidade para prendê-lo.

Cerca das 7 horas da noite, o Rei chegou à porta do castelo, seguido de sua comitiva. Fouquet passara a última meia hora nos portões, tomado de nervosismo. Ele segurou o estribo para que o Rei apeasse. Das carruagens desciam a Rainha, as Princesas e as inúmeras damas de honra. Ao mesmo tempo, as luzes do castelo se acendiam. O que se pudesse imaginar de requinte e suntuosidade, de riqueza e glória, havia sido providenciado por Fouquet para recepcionar o Rei, incluindo um grande banquete e representações teatrais.

Ao contrário do que se poderia supor, a atitude de Luís XIV tornou-se aos poucos constrangida e de certa maneira invejosa. O Rei não podia deixar de comparar seu próprio palácio com o excessivo luxo e a suntuosidade que encontrara na casa de Fouquet.

Luís XIV mordida-se de raiva e inveja. Não ousava dirigir o olhar à Rainha-mãe, que mergulhara num

mutismo feroz. Para ela, orgulhosa ao extremo, aquilo era uma afronta. De qualquer forma, terminado o banquete, o Rei fez os cumprimentos de praxe:

— Impossível jantar-se melhor em qualquer outro lugar.

Em seguida, Luís XIV manifestou o desejo de dar um breve passeio no parque, acompanhado do fiel D'Artagnan e de Fouquet. Depois do passeio, o Rei pediu que o conduzissem a seus aposentos. Estava cansado da viagem e desejava repousar. O seu quarto, decorado pessoalmente por Lebrun, era o mais rico do castelo. No teto, coberto por uma cúpula, o artista havia pintado Morfeu, deus mitológico do Sono, para provocar bons sonhos. No entanto, o resultado foi intrigante: se, por um lado, tudo ali era suave e agradável, havia também um clima sombrio e terrível. Luís XIV não pôde deixar de sentir um calafrio ao entrar no quarto.

Fouquet percebeu e perguntou a razão. O Rei limitou-se a responder:

— Não é nada. Sinto-me apenas com sono.

— Deseja a companhia de seus criados?

— Não, preciso apenas falar com Colbert. Peça que venha até aqui.

Fouquet a custo conseguiu esconder a sua decepção. Despedindo-se, deixou o quarto.

D'Artagnan não perdera tempo. Ao procurar Aramis, descobriu que ele se retirara para seu aposento, no segundo andar, chamado de "Quarto Azul" por causa da cor das paredes. Foi até lá, então. Encontrou Aramis e alguns amigos. Os dois se abraçaram e Aramis ofereceu a melhor poltrona ao antigo companheiro.

— Então, D'Artagnan, está gostando da festa?

— Maravilhosa. Fouquet sabe receber.

— Pareceu-me que o Rei o tratou com alguma frieza.

— Não percebi.

Continuaram conversando por algum tempo. D'Artagnan não se cansava de elogiar a magnificência da festa, atribuindo-a ao trabalho de Aramis. De repente, virou-se para o amigo:

— Sabe de uma coisa, Aramis? Ocorreu-me uma idéia hoje à noite: que o verdadeiro Rei da França não é Luís XIV.

— O quê? — gritou involuntariamente Aramis, olhando o mosqueteiro no fundo dos olhos. Por um instante pensou que ele suspeitasse de seus planos.

— Sim, o Rei não é Luís XIV... é Fouquet.

Aliviado, Aramis respirou fundo para refazer-se do choque.

— Você é como os outros... está com ciúmes.

— Por que Fouquet dá estas festas suntuosas? É dinheiro jogado fora. Colbert está na cola de Fouquet e tudo que fizer será usado contra ele.

— Bem que o alertei contra a espionagem de Colbert — retrucou Aramis —, mas Fouquet não acreditou...

D'Artagnan desconfiava que havia uma trama escondida nas palavras de Aramis. Os indícios de que o amigo preparava um golpe eram evidentes. Aproximando-se dele, perguntou confidencialmente:

— Aramis, se ainda é meu amigo, me responda: por que pediu amostras dos trajes do Rei ao alfaiate?

A insinuação estava lançada. Cabia, agora, ao mosqueteiro esperar o efeito. Aramis não se abalou:

— Ora, foi apenas uma gentileza para com o Rei.

— Isso pode ser verdade para todo mundo, mas não para mim. Você não me engana.

— Assim você me deixa constrangido.

— Não é minha intenção, mas alguma coisa me diz que tem um plano...

— Imaginação sua...

D'Artagnan, somos mais do que amigos, somos verdadeiros irmãos, jamais o enganaria.

— Conheço você bem. Sua expressão o trai... você está conspirando contra o Rei!

A situação era intolerável. Aramis não conseguia adivinhar as razões que faziam o amigo desconfiar de alguma trama. Levou a mão ao peito e disse:

— Se alguma vez pensei em tocar, mesmo com um dedo, o verdadeiro Rei da França e se amanhã não

for o dia mais glorioso que meu Rei já teve em sua vida, que um raio me destruía agora mesmo!

A segurança contida nas palavras de Aramis deu certa confiança a D'Artagnan. Tomando as mãos do ex-mosqueteiro, apertou-as com afeto.

— Sabia que podia confiar em você! A propósito, em que quarto está hospedado Porthos?

— Lá embaixo, não sei exatamente em qual.

O quarto de Aramis ficava sobre o apartamento do Rei. Com Porthos hospedado bem longe dele, não haveria a possibilidade de que os dois conspirassem. Além do mais, o juramento de lealdade ao Rei, feito há pouco por Aramis, afastava, pelo menos por enquanto, qualquer desconfiança.

D'Artagnan se despediu, acreditando que podia dormir tranqüilo. Assim que ele saiu, os outros que estavam no quarto e que não participaram da conversa também se retiraram.

Aramis, então, trancou a porta com duas voltas na fechadura, fechou as cortinas e chamou baixinho:

— Príncipe! Príncipe, pode vir!

De trás de um painel móvel, ao lado da cama, surgiu Filipe:

— D'Artagnan suspeita de nós — disse o irmão do Rei.

— Reconheceu-o, então?

— Mesmo antes de chamá-lo pelo nome.

— Ele é o capitão dos mosqueteiros. É devotado ao Rei. Se ele não o reconhecer e não perceber que houve a troca, pode confiar nele até o fim do mundo. Mas, se ele descobrir tudo, sua raiva será imprevisível, principalmente por ter sido enganado.

— Bem, e qual é o próximo passo?

— Sente aqui neste lugar. Vou afastar uma peça do assoalho pela qual poderá ver o quarto do Rei. Observe com atenção todo o ritual que ele faz antes de ir dormir. Amanhã terá que fazer o mesmo.

— Sim, sim, claro — respondeu Filipe, com voz trêmula, como se tivesse visto um inimigo. — Estou vendo o Rei! Ele está conversando com um homem que parece seu amigo. Quem é ele?

— É Colbert. Devem estar tramando alguma coisa contra Fouquet.

Passaram a escutar a conversa entre os dois. Colbert censurava tudo o que acontecera naquela noite, inclusive o excessivo requinte do jantar — e Luís XIV concordava.

Toda aquela ostentação tinha o intuito de humilhar o Rei. Por fim, Colbert pôs em dúvida a honestidade de Fouquet e entregou uma carta ao monarca.

No aposento de cima, Aramis e o Príncipe não perdiam uma palavra. O ex-mosqueteiro aproximou-se do ouvido de Filipe:

— Essa é uma verdadeira demonstração de infâmia. Isso lhe será útil, quando estiver no trono, para aprender a separar o joio do trigo.

Lá embaixo, Luís XIV leu a carta atentamente:

— Não compreendi — disse o monarca, meio atordoado.

— Vossa Majestade ainda não aprendeu a ler as contas públicas — falou Colbert. — Faltam 13 milhões, soma entregue a Fouquet, que dela não prestou contas. Com todo esse dinheiro, não é de estranhar que possa dar-se ao luxo de oferecer festas como esta.

— É necessário ter provas de que houve desvio de verbas — disse o Rei.

— Já as tenho, Majestade. Se quiser, amanhã posso lhe entregar todos os documentos.

— Vamos esperar um pouco. Afinal, somos hóspedes de Fouquet.

— O Rei está em sua casa em qualquer lugar. Ainda mais quando as despesas são feitas com seu próprio dinheiro...

Luís XIV ficou pensativo. Depois, dirigiu-se a Colbert:

— Está ficando tarde, devemos dormir agora. Amanhã, conversaremos melhor sobre o assunto.

Colbert despediu-se um pouco decepcionado por não ter conseguido uma atitude mais enérgica do Rei, mandando prender Fouquet.

Filipe passou, então, a observar atentamente o ritual noturno do Rei.

## 7. Colbert

No dia seguinte, na festa oferecida ao Rei por Fouquet, tudo era alegria e bom gosto. Aramis, no entanto, não se divertia. Estava preocupado com o que ouvira na noite anterior. O mesmo acontecia com o Rei, envenenado pelas palavras de Colbert. Somente no meio do dia Luís XIV mostrou sinais de serenidade. Provavelmente havia tomado sua decisão.

Veio a noite. No intervalo entre a ceia e o passeio nos jardins, Colbert tentou conversar em particular com o Rei, mas foi impedido pela presença da favorita real, Mademoiselle de La Vallière. Luís XIV, no entanto, chamou-o para perto e pediu que relatasse à cortesã tudo o que lhe dissera a respeito de Fouquet na noite anterior. Terminado o relato, o Rei não quis mais esperar:

— Vá chamar D'Artagnan. Ordene que prenda Fouquet imediatamente.

Mademoiselle de La Vallière interveio:

— Prender Fouquet em sua própria casa? Seria indigno de um Rei!

— Se ele é culpado, é culpado em qualquer lugar, mesmo em sua própria casa — argumentou Colbert.

— Esquece que Fouquet está gastando tudo o que possui nesta festa em honra do Rei?

— Pretende defender um traidor? — perguntou Luís XIV.

— Defendo o próprio Rei da desonra, ao impedir que mande deter seu anfitrião. Espere o momento oportuno, eu lhe peço.

Colbert fez menção de falar novamente. A cortesã, porém, impôs silêncio com o olhar. E dirigindo-se a Luís XIV:

— Eu o amo, e por isso tento aconselhá-lo da maneira que me parece mais correta.

— Eu também amo o Rei — disse Colbert, tentando esconder a irritação.

— Estou certa que de forma bem diferente — replicou

Mademoiselle de La Vallière, de maneira tão sugestiva que o Rei chegou a sorrir.

Colbert baixou a cabeça. Percebeu que a partida fora momentaneamente ganha pela cortesã.

Finalmente, Luís XIV suspirou profundamente e, segurando com paixão as mãos de sua favorita, falou:

— Pode imaginar o que aquele criminoso fará se conseguir se livrar do castigo que merece?

— Não importa. Ficará sempre a seu favor um gesto nobre, de eterna honra. Quanto mais culpado ele for, tanto maior será a generosidade do Rei, comparada com a miserável atitude de Fouquet.

Luís XIV beijou a mão da cortesã. Colbert pensou consigo mesmo: "Estou perdido."

No entanto, logo mudou de ânimo, enquanto apalpava alguns papéis que trazia em seu bolso.

O Rei e Mademoiselle de La Vallière abraçavam-se com ternura. Colbert tranqüilamente retirou os papéis do bolso e, sem ser notado, escolheu um, dobrado em forma de carta. Alguém se aproximava trazendo uma lanterna. Luís XIV e sua favorita se separaram.

— Convém que vá agora — disse o Rei. — Nos veremos mais tarde.

— Sim, sim, vem gente — disse Colbert, louco para livrar-se da favorita do Rei.

Louise de La Vallière desapareceu por entre as árvores. Luís XIV se ajeitou, recuperando o porte real. De repente, Colbert levantou a voz:

— Mademoiselle...

mademoiselle...

Ela não ouviu. Colbert avisou ao rei:

— Mademoiselle deixou cair alguma coisa! Um lenço... um papel... uma carta, não sei bem... ali adiante... uma coisa branca no chão. Está vendo?

O Rei abaixou-se rapidamente e pegou a carta, guardando-a no bolso. Nesse momento chegaram Fouquet e alguns convidados que vinham chamar o Rei para assistir à apresentação de fogos de artifício. O espetáculo e o interesse de Fouquet em agradá-lo fizeram o Rei esquecer momentaneamente as intrigas de Colbert. Foi então que se lembrou da carta que sua favorita deixara cair.

E, sob a luz maravilhosa dos rojões, o Rei começou a ler o que julgava ser uma carta a ele destinada. Quando terminou a leitura, no entanto, estava enfurecido. Não mais sentia paixão e generosidade. Sentia ciúme e ódio. A carta era uma declaração de amor feita por Fouquet a Louise de La Vallière.

Colbert, que estava perto do Rei, sentiu o coração pular de alegria, prevendo os acontecimentos que logo se sucederiam.

Sem mesmo esperar o fim dos fogos de artifício, o Rei retornou ao castelo. Fouquet, preocupado, acompanhou-o e tentou saber o que havia de errado, mas não obteve resposta. Luís XIV, com frieza, apenas ordenou que chamasse D'Artagnan.

Cinco minutos depois, o mosqueteiro entrou no quarto do Rei. Aramis e Filipe estavam, mais uma vez, observando os acontecimentos que se desenrolavam no apartamento real, através da abertura no assoalho.

Sem dar tempo para que

D'Artagnan se sentasse, Luís XIV perguntou:

— De quantos homens dispõe?

— Trinta e três guardas, Majestade.

— De quantos precisa para...

— Para quê?

—... para prender imediatamente Fouquet.

D'Artagnan recuou chocado.

— Prender Fouquet?!

— Parece surpreso,

D'Artagnan. Será que a tarefa é impossível?

— Para mim não há nada impossível. No entanto...

— Muito bem, se é assim, prenda-o!

— Haveria escândalo, se fizesse isso agora...



— Pois bem, espere então a melhor oportunidade. Mas que seja feito até amanhã de manhã!

— Como quiser, Majestade.

D'Artagnan retirou-se, e o Rei ficou entregue aos próprios pensamentos. Como odiava

Fouquet! Cansado pelas atividades do dia, embrutecido pela ira, Luís XIV jogou-se na cama vestido como estava. O leito gemeu sob o peso do monarca. E, com exceção de alguns ruídos de sua respiração ofegante e conturbada, dentro em pouco o silêncio reinava no apartamento.

## 8. Alta Traição

A fúria do Rei ao ler a carta de Fouquet endereçada a Mademoiselle de La Vallière continuava mesmo durante o sono. Teve uma sucessão de pesadelos, até que, depois de algum tempo, foram superados pelo cansaço. Luís XIV mergulhou num sono profundo: pareceu-lhe, então, que o deus Morfeu, pintado no teto do quarto, adquiria traços humanos. A cúpula do apartamento se movimentava e um rosto estranhamente vivo, com a mão escondendo a boca, descia até o lado da cama e contemplava-o. E o mais curioso é que este rosto possuía traços que se assemelhavam aos seus. Era como se Luís estivesse se olhando no espelho. Nesse momento, sentiu um leve movimento na cama e a imagem de Morfeu foi se tornando cada vez mais distante.

Um suave balançar, como o de um barco sobre as ondas do mar, substituiu a imobilidade do leito.

Luís XIV, já com os olhos abertos, não suportava mais aquela tensão que se transformava em alucinação. À medida que a luz ficava mais remota, um frio sinistro parecia infectar o ar. Não havia mais pinturas, cortinas de veludo, ornamentos de ouro. Tudo fora substituído pela visão de uma parede cinza e gelada. E a cama ainda continuava em movimento, descendo cada vez mais. Depois de um minuto, que lhe pareceu uma eternidade, a descida finalmente interrompeu-se, em meio a uma

atmosfera fria como a morte. Julgando que se tratava de um pesadelo, Luís XIV disse para si mesmo que já era hora de acordar. Entretanto, logo percebeu que já estava inteiramente desperto. E, o que era pior, notou a presença de dois homens armados, escondidos atrás de máscaras. Um deles trazia uma pequena lanterna, sob cuja luz trêmula revelava-se a figura mais apavorante que o Rei já vira.

Levantando-se orgulhosamente, o monarca dirigiu-se ao homem com a lanterna:

— O que quer dizer tudo isso? Qual o significado desta brincadeira de mau gosto?

— Não se trata de brincadeira... é coisa séria.

— É empregado de Fouquet?

Não houve resposta. Luís XIV ainda tentou manter a dignidade:

— Pelo menos, diga-me o que quer!

— Saberá no momento oportuno...

— Onde estou? Quero saber onde estou!

O homem com a lanterna iluminou melhor o ambiente. Luís XIV não conseguiu perceber mais do que paredes nuas e infiltradas de umidade.

— Uma prisão! — exclamou o Rei.

— Não, trata-se de uma passagem subterrânea...

— Aonde leva?

— Se tiver o bom senso de nos acompanhar, saberá.

— Não me moverei um milímetro!

— Nesse caso — disse um dos homens —, terei de levá-lo amarrado. Será bem mais desagradável.

Sacudindo os ombros, o Rei falou com raiva:

— Parece que caí nas mãos de assassinos. Vamos, então!

Os dois não responderam. O que carregava a lanterna pôs-se em marcha, seguido por Luís XIV. O outro vinha atrás. Assim caminharam por longo tempo, através de uma galeria cheia de degraus e curvas. Um leve ruído de água corrente vinha da parte superior do corredor que, finalmente,

desembocou numa porta de ferro.

O homem com a lanterna abriu-a com uma chave que trazia pendurada na cintura. O Rei hesitou por alguns instantes, mas o homem que o acompanhava o empurrou.

— O que pretende fazer com o Rei da França?! — protestou energicamente Luís XIV.

— Rei?! É bom que esqueça desde já esta palavra...

Ao ouvir o que o homem dissera, Luís XIV fez um rápido movimento, como se pretendesse fugir. O mais forte dos dois homens, entretanto, colocou sua mão de ferro no ombro do Rei e empurrou-o com gentileza, mas firmemente, numa carruagem que esperava nas proximidades.

— Entre!

O Rei obedeceu. O veículo pôs-se em marcha, em alta velocidade, dirigindo-se à estrada de Paris. Cerca de 3 horas da manhã entraram na cidade. Em pouco tempo atingiram o destino e, depois de ter gritado a frase "Ordens do Rei", o condutor da carruagem penetrou numa das entradas laterais da Bastilha. Ouviram-se passos e um sargento da guarda aproximou-se.

— Vá e acorde o diretor! — gritou o cocheiro, com uma voz de trovão.

Dez minutos depois, Baisemeaux aparecia, em roupas de dormir:

— Diabos, o que está acontecendo? Quem está dentro da carruagem?

O homem com a lanterna abriu a porta do veículo e, tirando do bolso um lenço, improvisou uma mordaça para Luís XIV. Em seguida entregou uma pistola para o companheiro:

— Atire se ele tentar falar!

— Ótimo! — replicou o outro.

Depois de ter dado essa ordem, o homem que acompanhara o Rei no interior da carruagem subiu a escada, em cujo topo o diretor o aguardava.

— Bispo! — exclamou Baisemeaux. — O que o traz aqui tão tarde?

— Um engano, diretor, um lamentável engano. Parece que o senhor estava com a razão no outro dia...

— Razão? Sobre que assunto?

— Sobre aquela ordem de soltura...

— O que quer dizer com isso? — perguntou Baisemeaux já assustado.

— Muito simples. Lembra-se da ordem de soltura que recebeu?

— Sim, sobre o prisioneiro da cela 2. Foi cumprida, você mesmo o conduziu até a cidade em sua carruagem.

— Na verdade, ambos pensamos que a ordem se referisse ao prisioneiro da cela 2, meu caro Baisemeaux.

— Certamente. Mas lembre-se que tive minhas dúvidas. Você, então, me ordenou que o soltasse...

— Ora, Baisemeaux, não ordenei, apenas o aconselhei. De qualquer forma, foi um engano, descoberto agora no Ministério. Por isso, trouxe-lhe de volta o prisioneiro da cela 2, para que o encarcere novamente. A ordem, que só agora ficou clara, referia-se ao prisioneiro da cela 3, um tal de Seldon.

— Seldon? Está certo desta vez?

— Pode ler nesta ordem, agora definitiva — disse Aramis estendendo o papel ao diretor.

— Sim, sim. Estranhamente parece-se com a ordem anterior. Até mesmo a mancha de tinta que havia nela está aqui. Não compreendo...

— Não tem de compreender nada. Aqui está a ordem e é muito clara. Trouxe, portanto, o outro prisioneiro. Leve-o ao calabouço!

— Não sei... está tudo tão confuso...

— Onde está a ordem anterior, referente ao prisioneiro da cela 2?

O diretor foi ao cofre e retirou a ordem. Aramis pegou-a rapidamente e, com toda a frieza, rasgou-a em quatro pedaços. Em seguida, queimou-os na chama de uma vela.

— Deus do céu! O que está fazendo?

— Corrigindo um engano. Vá e recoloque o prisioneiro que trago comigo no lugar de onde jamais deveria ter saído. Em troca, liberte Seldon.

Baisemeaux estava apreensivo. Aramis, no entanto, exercia sobre ele tamanha influência, que o diretor não ousou discutir a determinação. Chegando-se mais perto dele, o ex-mosqueteiro falou em tom confidencial:

— Não tenho segredo para você. Sabe que este prisioneiro tem extrema semelhança física com o Rei?

— Sem dúvida, é só olhar...

— Pois bem: assim que se viu fora das grades, o pobre enlouqueceu. Cismou que era o próprio Rei!

— Meu Deus, que sacrilégio!

— Chegou a vestir-se como Rei, tentando desempenhar, em sua loucura, o papel de monarca! Por isso, também, o trouxe de volta. Ele está completamente louco, o que é fácil de perceber.

— O que deve ser feito, então?

— Muito simples. Evite que o prisioneiro converse com quem quer que seja. O fato chegou ao conhecimento de Luís XIV, que ficou furioso. Por isso, ordenou a pena de morte para quem permitir que o prisioneiro se comunique com alguém mais, a não ser comigo e com você!

— Sentença de morte!

— Exatamente. Cumpra a ordem sem discutir!

Baisemeaux encaminhou-se para a carruagem, em busca do prisioneiro.

— Então é você, seu miserável! — exclamou o diretor logo que viu o Rei.

Em seguida, conduziu-o até a cela 2. O Rei entrou no cubículo em silêncio. Baisemeaux olhou-o detidamente e virou-se para Aramis, que havia recolocado a máscara com a qual se disfarçara:

— Na verdade, ele se assemelha bastante ao Rei. Mas a semelhança não é tão grande que pudesse enganar quem conhece Luís XIV...

— Concordo, Baisemeaux, concordo... falta, agora, executar a segunda parte da ordem. Liberte Seldon!

O diretor tomou as providências. Antes de se retirar, Aramis ainda repetiu as determinações:

— Ninguém deve penetrar na cela do prisioneiro, a não ser por ordem do Rei!

Aramis despediu-se e voltou à carruagem. O cocheiro havia retirado a máscara. O mesmo foi feito pelo bispo, que ordenou:

— Meu bom amigo Porthos, de volta ao castelo de Fouquet, o mais rapidamente possível!

## 9. Uma Noite na Bastilha

Quando o Rei viu-se preso na cela da Bastilha, imaginou que houvesse morrido e que a morte fosse um sonho terrível. Provavelmente sua cama caíra através do assoalho, do que resultara sua morte. Ou teria sido envenenado? Um estranho ruído chamou sua atenção. Luís XIV olhou em volta e viu um enorme rato correndo atrás de um pedaço de pão seco. Não pôde deixar de sentir nojo. Aproximou-se da porta e gritou com desespero:

— Um prisioneiro, sou um prisioneiro!

A realidade apresentava-se agora em toda sua crueza. Percebeu que estava na Bastilha, pois visitara diversas vezes o presídio e lembrava-se dos detalhes da construção. Como e por que teria sido levado até lá? Uma conspiração, sem dúvida. De Fouquet, é claro. O pensamento levou-o ao desespero. Lembrou-se então de que havia um diretor na Bastilha. Sim! Iria chamá-lo, desfazer toda a intriga, recuperar a liberdade e o trono!

Começou a gritar. Ninguém, no entanto, respondia. Bateu violentamente com os punhos na sólida porta da cela, mas só conseguiu ficar com a mão sangrando. Louco de ódio, apanhou uma cadeira e espatifou-a contra as paredes. Seus gritos tornaram-se roucos, como os de um animal ferido. Mas nada. Ninguém respondia. Mesmo assim, continuou a gritar e a fazer barulho com os pedaços da cadeira.

Uma hora depois, percebeu passos no corredor que levava à sua cela. Uma violenta pancada na porta fez com que silenciasse.

— Ficou louco? — gritou uma voz autoritária. — O que há com você esta manhã?

A repreensão deixou o Rei perplexo. No entanto, conseguiu reprimir a raiva e perguntou:

— Falo com o senhor diretor da Bastilha?

— Meu camarada, você deve estar maluco — respondeu a voz. — É melhor ficar quietinho, sem perturbar a ordem do presídio.

— É o diretor? — perguntou novamente Luís XIV.

O ruído de portas se fechando mostrou que o homem se retirara sem responder. O fato deixou-o ainda mais enraivecido. Ágil como um tigre, pulou na janela e começou a esmurrar as grades, a jogar objetos através da abertura. Durante mais de uma hora, continuou assim. Com os cabelos desfeitos, sujo, suado, rouco, só descansou quando não tinha mais forças. Desesperado, encostou-se à porta, com o coração aos pulos.

Algumas horas depois, ouviu novamente ruídos. Dessa vez iam abrir a porta! A chave rangeu na fechadura e o Rei recuou intimidado. A porta abriu-se: entrou um carcereiro com comida. Ansioso, Luís XIV esperou que o outro falasse:

— O que é isso? Vejo que quebrou a sua cadeira. A cela está uma bagunça incrível!

— Veja como fala! — reclamou Luís XIV. — Sou o Rei da França!

— O quê?

— Exijo que chamem imediatamente o diretor!

— Calma, meu rapaz — disse o carcereiro. — Você foi sempre razoável. Agora está fazendo toda esta confusão. O que foi que aconteceu? Vou chamar um dos guardas.

Saiu e fechou a porta, deixando Luís XIV a explodir de ódio. Em vão o Rei tornou a bater na porta; de nada valeu atirar pratos e panelas pela janela; foi inútil gritar e esbravejar. Duas horas depois, Luís XIV não parecia mais um Rei. Era um louco furioso arranhando as paredes e lançando gritos pavorosos.

## 10. A Sombra de Fouquet

D'Artagnan estava confuso e deprimido pela conversa que tivera com o Rei, do qual recebera ordem para prender Fouquet. Mas não havia o que discutir, era ordem do Rei e tinha que ser executada.

Cansadíssimo com as festas daquele dia, Fouquet já se encaminhara para seu quarto. Estava se despindo, quando D'Artagnan entrou.

— Vai dormir? — perguntou o mosqueteiro.

— Sim. Tem alguma coisa a me dizer? — perguntou Fouquet ao perceber que D'Artagnan estava escondendo alguma coisa.

E continuou, resolvido a abreviar as preliminares:

— Já sei, D'Artagnan, caí em desgraça, não é isso? Pode me prender, não vou resistir, embora a injustiça de tal decisão me magoe profundamente.

— Não o farei enquanto estivermos em sua casa. Tenho ordens, no entanto, de mantê-lo incomunicável até que o Rei vá embora. Então...

— Então?

— Será preso.

— Gostaria de falar com Aramis...

— Impossível. Espero que compreenda. Sou seu amigo e sofro ao ter de executar a ordem que me foi dada. Se permitir, ficarei aqui com você até a saída do Rei.

Enquanto isso, Filipe já havia assumido o lugar do Rei. Ao mesmo tempo em que Luís XIV descera às profundezas da passagem subterrânea que levava à Bastilha, ele penetrara nos aposentos reais por meio de um engenhoso mecanismo que fazia descer a cúpula onde estava pintado o deus Morfeu.

Pela manhã, uma sombra penetrou silenciosamente no apartamento.

— É o bispo? — perguntou Filipe.

— Sim, sou eu. Tudo está terminado. Exatamente como planejamos.



— Ele resistiu?

— Terrivelmente.

— E se ele contar tudo ao diretor da Bastilha?

— Pode acreditar que não contará. Está tudo arranjado.

Um olhar de cumplicidade passou entre Filipe e o ex-mosqueteiro. Lembraram-se de que, na noite anterior, Luís XIV combinara um encontro com D'Artagnan. E que este encontro deveria se realizar.

Batidas na porta anunciaram a sua chegada. Aramis dirigiu-se a Filipe:

— Deixe tudo comigo.

A porta se abriu. D'Artagnan se surpreendeu:

— Aramis! Aqui!

— O Rei pediu que lhe dissesse que está deitado, passou grande parte da noite acordado.

— Ah! — disse D'Artagnan, cada vez mais surpreendido.

Aramis foi adiante.

— Sua Majestade não quer ser perturbado.

— Mas o Rei marcou uma reunião comigo para esta manhã.

— Depois, depois! — ouviu-se a voz de Filipe, vinda do fundo do aposento.

D'Artagnan tinha certeza de que alguma coisa estranha acontecera. Sua surpresa, no entanto, iria aumentar ainda mais:

— Quanto ao assunto que o traz aqui, o Rei pediu-me que lhe entregue esta ordem. Diz respeito a Fouquet e deve ser executada imediatamente.

O mosqueteiro apanhou o papel das mãos de Aramis. A nova ordem revogava a prisão de Fouquet:

— Vamos deixá-lo em liberdade?!

— É o que diz a ordem. Vou com você até Fouquet, agora mesmo.

Para D'Artagnan, aquela brusca mudança da ordem do Rei não fazia sentido. De qualquer forma, as instruções estavam realmente ali. Acompanhado de Aramis, encaminhou-se para o quarto de

Fouquet, que aguardava os acontecimentos com ansiedade.

Quando viu D'Artagnan retornar em companhia do ex-mosqueteiro, não escondeu sua alegria.

— Então, finalmente trouxe Aramis?

— E algo mais: sua liberdade. São ordens do Rei.

— Então, estou livre?

— Graças à interferência de Aramis.

Foi então a vez de o ex-mosqueteiro se dirigir a Fouquet:

— O Rei pediu para lhe dizer que continua seu amigo, como sempre o foi. Pede, também, que lhe transmita os agradecimentos por tão encantadora festa. Agora, temos certos assuntos a tratar.

D'Artagnan percebeu que era demais ali e retirou-se. Nem bem ele havia saído, Fouquet, cuja impaciência e curiosidade eram enormes, pediu explicações a Aramis:

— Creio que já é tempo de contar o que aconteceu.

— Tudo será dito — falou Aramis, sentando-se e convidando Fouquet a fazer o mesmo.

O ex-mosqueteiro fez então um longo relato sobre os filhos gêmeos de Ana D'Áustria, a decisão de aprisionar um deles na Bastilha, e toda a operação que ele realizara para substituir Luís XIV por Filipe.

Fouquet não acreditava no que estava ouvindo. Apertava as mãos em desespero, sacudia a cabeça de um lado para o outro. Apavorado, não sabia o que dizer. Finalmente, virou-se para Aramis:

— Você destronou o Rei, aprisionou-o e isso aconteceu na minha casa!

— O que está feito, está feito.

— Na minha casa! Sob meu teto! — exclamou Fouquet com voz estrangulada. — A traição, o maior de todos os crimes, cometido em minha casa!

— Crime? — perguntou Aramis.

— Um crime abominável, pior do que um assassinato, um crime que irá desonrar meu nome para sempre!

— Perdeu a cabeça, Fouquet! Está falando alto, poderão nos ouvir!

— Gritarei tão alto que todo mundo me ouvirá!

— Cuidado, cuidado! — retrucou Aramis.

Fouquet aproximou-se de Aramis, olhando no fundo dos seus olhos:

— Você me desonrou cometendo tamanha traição, tamanho crime, cuja vítima era meu hóspede. Ele era meu convidado. Ele era, e ainda é, meu único Rei!

O ex-mosqueteiro levantou-se, os olhos injetados de sangue, os lábios tremendo:

— Esqueceu que o Rei mandou prendê-lo, que só pretendia a sua desgraça?

— Sou um homem de honra! Prefiro morrer, prefiro matá-lo, a você mesmo, para reparar esta infâmia!

Aramis não respondeu. Só agora compreendia a loucura que fizera ao contar a intriga a Fouquet. No entanto, já era tarde. O primeiro-ministro andava de um lado para o outro, nervoso e irritado:

— Pois bem. Não compactuarei com esta conspiração. Em consideração ao que fez por mim no passado, evitarei a sua desgraça. Deixará esta casa imediatamente. Tem quatro horas para colocar-se fora do alcance do Rei!

— Quatro horas!

— Sob minha palavra, ninguém o seguirá antes deste prazo. É mais do que precisa para alcançar um pequeno navio e navegar até Belle-Isle, uma propriedade minha que lhe dou como refúgio. Enquanto eu viver, prometo que ninguém tocará em um fio de seu cabelo!

— Muito obrigado, senhor ministro — falou Aramis, com certa ironia.

Ambos deixaram o quarto por meio de uma escada secreta que ia dar diretamente no pátio. Fouquet ordenou que lhe trouxessem seus melhores cavalos. Aramis sentia que era hora de avisar Filipe, contando-lhe que o poderoso

Fouquet, apesar de ter caído em desgraça junto a Luís XIV, continuaria fiel ao verdadeiro Rei e não aceitaria a substituição.

Mas, após muitas considerações, decidiu deixar que o destino se cumprisse, sem sua interferência. Só

não podia abandonar seu amigo Porthos, que o ajudara a dar aquele golpe. Rápido como uma sombra, voltou ao castelo e dirigiu-se ao quarto do amigo:

— Venha, Porthos, venha logo!

O outro obedeceu, sem saber qual a razão daquela pressa. Apanharam algum ouro e diamantes. Já estavam no corredor, quando D'Artagnan os viu.

— O que estão fazendo tão agitados?

— Saímos em missão para o Rei. Não há tempo para conversas.

Desceram rapidamente as escadas. Lá embaixo os cavalos aguardavam. Aramis abraçou demoradamente D'Artagnan, que nada entendia daquela inesperada fuga dos dois amigos. Em seguida, os fugitivos montaram seus cavalos. Em pouco tempo, haviam sumido na estrada.

## 11. A Reviravolta

Fouquet corria tão rápido quanto o permitiam seus cavalos.

Tremia ao pensar no horror daquela conspiração relatada por Aramis. Estava tão transtornado que somente ao chegar à Bastilha lembrou-se de um detalhe: como penetrar na fortaleza? Em vão disse seu nome aos guardas, em vão tentou ser reconhecido. Somente depois de ameaças e súplicas, conseguiu convencer uma das sentinelas a ir falar com um superior. Mas também em vão.

— Meu chefe riu na minha cara. Ele disse que o senhor Fouquet está em seu castelo, onde recebe o Rei com uma grande festa — disse o funcionário.

— Bando de imbecis! Eu sou Fouquet e o Rei está preso aí dentro!

Antes que o funcionário conseguisse fechar a porta, Fouquet saltou como um gato e correu para dentro da fortaleza. As sentinelas foram atrás dele. Por sorte, no meio da confusão, um dos soldados

reconheceu o primeiro-ministro:

— Parem, parem, é o senhor Fouquet!

— Ainda bem, deixem-me entrar!

O chefe da guarda acalmou a tropa, mas não queria permitir que Fouquet ali permanecesse.

O diretor da Bastilha, assustado com a gritaria, havia corrido para a janela. Com surpresa, verificou de quem se tratava.

— Senhor Fouquet, como posso me desculpar?

— Preciso falar-lhe com urgência!

O diretor recebeu Fouquet em seu escritório. Este lhe contou a conspiração armada por Aramis e garantiu que o Rei da França estava preso na Bastilha.

Baisemeaux não podia acreditar. Estava perplexo. Contudo, quem revelava aquela conspiração era o primeiro-ministro, um homem de reconhecida inteligência e equilíbrio!

De qualquer forma, não pretendia complicar mais o que complicado já estava. Lembrou-se de um detalhe de ordem administrativa:

— Para levá-lo ao prisioneiro, necessito de uma ordem.

— De quem?

— Do Rei, é evidente.

— Dou-lhe minha palavra que terá a ordem do Rei no exato momento em que eu entrar na cela 2.

— Preciso dela antes.

Fouquet ficou furioso. Então, tomou uma decisão firme:

— Se não me levar ao prisioneiro agora, você e seus oficiais serão presos imediatamente!

— Pare, senhor! Não quero arriscar a minha vida. Vou levá-lo a ele, mas a responsabilidade é toda sua.

Fouquet atravessou a sala como uma flecha, seguido de Baisemeaux. O diretor quis chamar um guarda, mas foi advertido:

— Só nós dois! Ninguém poderá saber o que irá se passar daqui a pouco!

Baisemeaux sacudiu os ombros, tomou as chaves e conduziu Fouquet às masmorras. À medida que se aproximavam da cela 2, ouviam-se gritos e gemidos, cada vez com maior intensidade. Parando no meio da escada, Fouquet tirou com violência o molho de chaves das mãos do diretor:

— Qual é a chave da cela 2? — gritou.

Baisemeaux separou uma delas. Um novo grito mais terrível ainda ecoou pelos corredores:

— Tirem-me daqui, eu sou o Rei da França!

— Saia já! — berrou Fouquet para o diretor.

Lá dentro, o prisioneiro começava a atirar coisas contra as paredes novamente:

— Socorro, sou Luís XIV, estou preso por causa de Fouquet!

O primeiro-ministro estremeceu ao perceber que o Rei acreditava ser ele o chefe da conspiração que o levava à Bastilha. Hesitou, ainda, em abrir a porta que libertaria Luís XIV. Poderia ser a sua desgraça. Finalmente, decidiu-se. Com um movimento rápido, destrancou a fechadura. O espetáculo com que se deparou deixou-o chocado: em um canto, imundo, totalmente desfeito, o Rei apoiava-se nas paredes como um animal acuado. Ao perceber que a porta fora aberta, pôs-se ereto, em atitude de defesa. Então os dois pararam um diante do outro, aterrados pelo reconhecimento mútuo.

— O Rei é o Estado! — disse Fouquet, ajoelhando-se perante Luís XIV. — Não reconhece o mais fiel de seus servos?

— Um traidor vil, isto sim!

Fouquet segurou as mãos do monarca e beijou-as reverentemente:

— Meu Rei, está livre!

Luís XIV, desconcertado com a súbita mudança de situação, ouviu Fouquet narrar tudo o que acontecera. O Rei perdia-se em angústias, sem saber até que ponto poderia acreditar naquela fantástica história. Principalmente porque levantava uma suspeita gravíssima contra a honra de Ana D'Áustria, sua mãe: a de ter repudiado e encarcerado um filho dela, tão filho quanto ele próprio.

Aos poucos, Luís XIV começou a dar mostras de que estava acreditando no que Fouquet lhe contava.

— E onde estão os criminosos que me encarceraram aqui?

— No meu castelo.

— E como não foram detidos imediatamente?

— Minha primeira preocupação foi libertá-lo, Majestade. No caminho, no entanto, dei ordens para que fossem mobilizadas tropas, que estão prontas para marcharem sob o comando do verdadeiro Rei da França!

— Então partamos!

— Estou às suas ordens, mas creio que precisará de uma troca de roupa antes de aparecer diante de sua Corte.

— Passaremos no Louvre e vestirei novos trajes.

Os dois saíram da cela e encontraram-se com Baisemeaux no corredor. Fouquet redigiu uma ordem de soltura que o Rei assinou embaixo: "Visto e aprovado. Luís XIV, Rei da França".

## 12. O Falso Rei

Enquanto isso, Filipe desempenhava seu papel no castelo de Fouquet. Deu as ordens da manhã e mandou que se apresentassem os nobres da Corte. Com uma certa preocupação, constatou que Aramis estava ausente, mas resolveu testar a sua sorte independentemente da proteção de seu conselheiro. Outra razão o impeliu a isso: Ana D'Áustria, sua mãe, logo compareceria diante dele.

Silenciosamente, muitas pessoas foram entrando. Filipe, vestido com o traje de caça igual ao de Luís XIV, começou a receber os visitantes. Sua memória e as indicações precisas de Aramis deixavam-no à

vontade. No entanto, ao perceber a entrada de sua mãe, não pôde evitar um sinal de contrariedade. Achou-a bonita. Sabia que Luís XIV a amava. E resolveu naquele momento amá-la também, da mesma forma, jamais deixando transparecer o ressentimento que minava sua alma.

Ela, então, se dirigiu a ele:

— Meu filho, você mandou prender Fouquet. Está mesmo convencido de que o traía?

— Não. Decidi nada fazer contra Fouquet.

Ao escutar a voz de Filipe, os ouvidos sensíveis de mãe não deixaram de perceber uma levíssima diferença. Olhou surpreendida para ele e disse:

— Mas ele está arruinando as finanças do Estado.

— A senhora é agora seguidora de Colbert? — perguntou Filipe.

— O quê?! — protestou Ana D'Áustria, cada vez mais intrigada.

— Fala exatamente como ele.

Ana D'Áustria não compreendia a atitude do filho. Colocou, então, o braço sobre os ombros de Filipe.

— Meu filho, nunca maltratou assim sua mãe...

Filipe tomou-lhe a mão e beijou-a ternamente. Ana D'Áustria não percebeu que neste beijo, dado com certa repulsa, estava contido o perdão por muitos anos de cativo e sofrimento.

A ausência de Aramis começava a impacientar Filipe. Mais uma vez olhou em direção à porta, sem disfarçar a ansiedade.

Foi quando Ana D'Austria levantou-se e disse ao ouvido do Rei algumas palavras em espanhol, idioma que Filipe desconhecia. Ele empalideceu com o inesperado obstáculo. Mas, em vez de mostrar-se desconcertado, levantou-se.

— Bem, e então? — perguntou Ana D'Áustria.

— Que barulho é esse? — disse Filipe, virando-se para a porta.

Uma voz agitada se fazia ouvir:

— Por aqui, por aqui! Apenas mais alguns degraus, senhor!



— É a voz de Fouquet! — disse D'Artagnan, ao lado da Rainha-mãe.

Naquele instante, todos olharam para a porta, por onde Fouquet deveria entrar. Mas não foi ele que penetrou no recinto, e sim Luís XIV. Todos os que estavam no recinto ficaram atônitos. Parecia que o Rei refletia-se num espelho. A Rainha-mãe, que segurava a mão de Filipe, lançou um grito, como se estivesse diante de um fantasma.

Os dois irmãos, pálidos e trêmulos, mediram-se com o olhar, como dois animais prontos para o combate.

D'Artagnan, em frente a Fouquet, que penetrara no recinto logo depois de Luís XIV, levava a mão à espada. Percebia que a presença dos dois reis era a explicação de tudo o que acontecera nos últimos dias: ali estava revelado o mistério tão bem guardado por Aramis.

De repente, Luís XIV, mais confiante e mais acostumado ao comando, correu para uma das cortinas, que abriu com estrondo. Um jato de luz penetrou no aposento, fazendo com que Filipe recuasse. Luís percebeu o movimento do irmão e correu para D'Artagnan:

— A mim, mosqueteiro! Olhe para nós dois e diga qual é o que tem medo: eu ou ele!

O grito fez com que D'Artagnan, sem hesitação, caminhasse para Filipe, colocando a mão em seu ombro:

— Senhor, é meu prisioneiro!

Filipe não disse nada, não protestou, não reagiu. Fixou o olhar no irmão. Luís XIV afastou-se. Filipe aproximou-se de Ana D'Áustria e falou, em voz suave e nobre:

— Se eu não fosse seu filho, a culparia por ter me tornado tão infeliz.

D'Artagnan sentiu um arrepio passar por seus ossos. Voltou-se para Filipe e disse:

— Desculpe-me, mas não sou mais do que um soldado e devo obedecer ao Rei da França.

— Obrigado, D'Artagnan. Mas o que aconteceu com Aramis?

— Está em segurança — falou uma voz atrás dele.

— Fouquet! — disse Filipe.

— Perdão, senhor! — exclamou Fouquet. — Aramis foi embora e agora é meu convidado em Belle-Isle.

— Muito bem! — exclamou Filipe. — Bravos amigos, bons corações. Eles me fazem detestar o mundo. Vamos, D'Artagnan, eu o seguirei.

Quando o capitão dos mosqueteiros estava a ponto de deixar o recinto com seu prisioneiro, Colbert apareceu. Entregou uma ordem do Rei a D'Artagnan e retirou-se. O mosqueteiro leu o papel e o amassou com raiva.

— O que é? — perguntou Filipe.

— Leia, senhor...

E o irmão do Rei da França leu estas palavras, escritas pelo próprio punho de Luís XIV:

"O capitão D'Artagnan deverá conduzir o prisioneiro à ilha de Santa Margarida. Deverá também cobrir o seu rosto com uma máscara de ferro, de modo a que o prisioneiro não a possa retirar sem perigo de sua própria vida."

— É justo — disse Filipe, com resignação. — Estou pronto.

— Aramis estava certo — falou Fouquet em voz quase inaudível. — Este aqui é muito mais Rei do que o outro.

— Muito mais — acrescentou D'Artagnan.

### 13. Conclusão

Na opinião de D'Artagnan, Filipe seria melhor Rei do que Luís XIV. Mas nada podia fazer. Como capitão dos mosqueteiros, jurara lealdade ao monarca e não podia traí-lo. Não tinha outra saída a não ser cumprir a ordem do seu soberano. E o mais rápido possível.

Para levar o prisioneiro à ilha de Santa Margarida, teve de usar alguns disfarces e truques, pois tratava-se de um segredo de Estado.

Recebida a ordem, mandou fazer a máscara de ferro para cobrir o rosto de Filipe, e providenciou uma enorme caixa preta na qual transportaria o prisioneiro, já que ele não deveria ser visto por ninguém.

No dia seguinte, pouco antes do amanhecer, uma carruagem partia em disparada do castelo de Fouquet, levando D'Artagnan e o maior de todos os segredos do reino francês. Devido à pressa, logo estavam longe de Paris, o suficiente para que Luís XIV se considerasse seguro como único e verdadeiro Rei da França.

No caminho, o capitão dos mosqueteiros foi obrigado a parar algumas vezes e trocar os cavalos, já que a viagem seria longa. Depois de cavalgar mais de oito horas, chegaram a uma região perto do mar.

Lá, D'Artagnan começou a cumprir as ordens recebidas. Em conversa com um pescador, pediu que o levasse à ilha de Saint Honorat. Prometeu bom pagamento, mas exigiu rapidez. O homem aceitou o negócio, mas, apesar de ter um ajudante, recusou quando viu que precisaria embarcar a enorme caixa preta. Ao ouvir a recusa,

D'Artagnan ficou furioso. Procurou o prefeito da região e mostrou-lhe a ordem recebida. A autoridade ordenou ao pescador que obedecesse imediatamente. Assim, partiram com o carregamento.

No meio da viagem, D'Artagnan mandou que o pescador mudasse a rota e se encaminhasse para a ilha de Santa Margarida. O sujeito argumentou que no caminho havia uma passagem perigosa, com ondas e correntes marítimas muito fortes que a embarcação não tinha condições de superar sem riscos.

O capitão dos mosqueteiros segurou o pescador pelo pescoço e ameaçou estrangulá-lo. No entanto, o ajudante que estava no leme do barco, vendo seu patrão agredido, armou-se com um machado e atacou D'Artagnan.

Foi quando a caixa preta se abriu e dela saiu uma espécie de fantasma, com a cabeça coberta por um capacete de ferro preto. Uma figura apavorante. Era Filipe, irmão gêmeo do Rei da França. Não foi preciso nenhum outro movimento do Príncipe. O pescador e seu companheiro, estupefatos, obedeceram

a D'Artagnan e rumaram para a ilha de Santa Margarida.

Ao chegarem ao trecho fatal que o pescador temia, o barco bateu nas pedras e foi dar na praia, bastante danificado. Com a pancada violenta, os dois homens ficaram seriamente feridos e nada mais podiam fazer.

Foi a oportunidade para D'Artagnan desaparecer, levando consigo o Máscara de Ferro.

Santa Margarida era praticamente deserta, tinha apenas uma pequena fortaleza, servida por oito soldados, e cujo diretor já esperava pelos visitantes. A região era cheia de flores e árvores frutíferas. Cercada por um fosso profundo, a fortaleza tinha três torres, ligadas por terraços.

Dias depois, D'Artagnan estava passeando pelo jardim quando um objeto brilhante no chão chamou sua atenção. Era uma bandeja de prata. Examinou-a atentamente e descobriu, em letras traçadas com a ponta de uma faca, esta inscrição:

"SOU O IRMÃO DO REI DA FRANÇA: HOJE UM PRISIONEIRO, AMANHÃ UM LOUCO."

D'Artagnan deduziu que a bandeja fora lançada por Filipe, na esperança de um dia ser encontrada por alguém que poderia salvá-lo da prisão. Recolheu a bandeja e dirigiu-se à fortaleza para entregá-la ao diretor. Ao passar por uma das galerias do castelo, percebeu que ele conduzia o prisioneiro para a cela.

Escondeu-se atrás de uma pilastra e ficou a observar. Sob a luz avermelhada dos raios e ao som dos trovões do anoitecer que anunciava uma tempestade, viu passar o diretor e o prisioneiro que caminhava gravemente, vestido de preto e com a máscara também preta, de ferro polido, envolvendo totalmente a sua cabeça.

A luz dos relâmpagos produzia reflexos diabólicos na superfície do metal. No meio da galeria, o prisioneiro parou por um momento, a fim de contemplar o horizonte e respirar um pouco de ar fresco.

— Ande logo! — falou o diretor.

— Não fale assim com ele! Diga sempre: Meu Senhor! — exclamou D'Artagnan, com uma voz tão poderosa que o diretor tremeu. O prisioneiro virou-se. O mesmo fez o diretor.

Saindo de trás da coluna, D'Artagnan acrescentou:

— Ordeno que trate o prisioneiro de Meu Senhor!

Foi então que uma voz rouca saiu daquela máscara horripilante:

— Não deve chamar-me de Senhor... meu verdadeiro nome é O Maldito...

O prisioneiro voltou a caminhar e penetrou na cela. A porta fechou-se com um ruído de trancas enferrujadas. Um relâmpago fortíssimo cortou os céus e o estrondo fez as muralhas da fortaleza estremecerem.

A chuva, violenta, começou a cair.